
ESTUDO DO LIVRO DE ROMANOS

Este estudo deve representar para nós um desafio, quando eu digo isto, não me refiro a teologia do livro, mas sim ao Espírito da Palavra contido no mesmo. Sei que muito mais que temas doutrinários, o livro de Romanos traz em seu conteúdo uma riqueza incalculável.

Antes de entrarmos no estudo dos textos que compõe o Livro de Romanos, vamos iniciar com uma apresentação do apóstolo Paulo.

UMA BIOGRAFIA DE PAULO

Paulo é, por excelência, o apóstolo missionário da igreja primitiva. Percorreu várias vezes a bacia do Mediterrâneo pregando a palavra de Deus e organizando comunidades. Além disso, é o teólogo que elabora o pensamento cristão de maneira nova, aprofundando o sentido e as consequências do que Deus operou por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

CHAVE DA VIDA DO APÓSTOLO PAULO

(Salvo onde outro livro Bíblico esteja indicado, todas as referências são do livro de Atos.)

A – Família

1. Filho de pai judeu que possuía a cidadania Romana, seus pais eram fariseus.
2. Fariseu, cujo nome hebraico era Saulo que significa “pedido a Deus”, posterior a sua conversão, teve seu nome trocado para Paulo (nome romano).
3. Cidadão romano, 22:25-28
4. Sua mãe, desconhecida
5. Sua irmã vivia em Jerusalém, 23:16
6. Seu sobrinho o ajudou, 23:16

B – Infância

7. Benjamita, Fl. 3:5
8. Nascido em Tarso aproximadamente no ano 05 D.C. na cidade de Tarso – região da Cilícia na Ásia Menor, 22:3

C – Educação

9. Sei pai era fabricante de tendas, ofício herdado por Paulo , 18:3

EKKLESIA

10. Em sua adolescência Saulo foi levado a Jerusalém para continuar os estudos e tornar-se um Doutor da Lei, o mesmo foi instruído por Gamaliel, 22:3

D – Juventude

11. Um dos principais perseguidores, 9:1-3; 22:4
12. Estava presente no apedrejamento de Estevão que ocorreu aproximadamente no ano 34 D.C., 7:58, 22:20
13. Guardava a lei, 26:5
14. Não era casado, Ico 7:8

E – Sua conversão - ano 35 d.c.

15. Perto de Damasco, 9:3
16. Viu uma luz brilhante, 22:6
17. Ficou cego, 9:8
18. A repreensão de Cristo, 22:7-8
19. A resposta de Saulo, 9:6
20. Levado a Damasco, 22:11
21. Jejuava e ora, 9:9-11
22. Deus lhe envia Ananias (um sacerdote convertido), 9:11-12
23. É batizado, 9:18

F – Depois da sua conversão

24. Prega em Damasco, 9:20
25. Vai à Arábia, onde fica aproximadamente 03 anos aprofundando-se nas doutrinas de Cristo. Gl 1:17
26. Regressa a Damasco, Gl 1:17
27. Visita Jerusalém, Gl 1:18 - ano 37 - 38
28. A Igreja desconfia dele, 9:26
29. Barnabé o ajuda, 9:27
30. Os judeus o perseguem, 9:29
31. Parte mediante uma visão, 22:17-18
32. Vai a Tarso, 9:30
33. Barnabé o leva a Antioquia, 11:25-26
34. Trabalha em Antioquia, 11:26

G – Primeira viagem missionária - ano 45 – 49 d.c.



EKKLESIA

34. Seu trabalho em Chipre
Salamina, 13:5
Pafos, 13:6-11
A conversão do procônsul, 13:12
A mudança de seu nome, 13:9,13
35. Perge – João (Marcos) os abandona, 13:13
36. Prega em Antioquia da Psídia, 13:14-41
37. Em Icônio, 13:51
38. Listra – Paulo é apedrejado, 14:8-19
39. Derbe – última cidade visitada, 14:20
40. A viagem de volta, 14:21-26

H – Segunda viagem missionária - ano 49/50-52 d.c.



41. Em Síria e Cilícia, 15:41
42. Listra – Timóteo se une ao grupo, 16:1-3
43. Na Frígia e na Galácia, 16:6
44. A visão em Trôade, 16:9
45. Em Filipos, Lídia e o carcereiro se convertem, 16:13-34
46. Funda a Igreja em Tessalônica, 17:4
47. Os crentes de Beréia, 17:11-12
48. Atenas – o sermão no Areópago, 17:16-33
49. A visão em Corinto – a fundação da Igreja, 18:1-18
50. Éfeso – breve visita, 18:19-20
51. Regresso a Antioquia, 18:22

EKKLESIA

I – Terceira viagem missionária - ano 53-57/58 d.c.



- 52. Visitas a Galácia e Frígia, 18:23
- 53. Permanece em Éfeso dois anos e meio. O alvoroço dos artifices. Os livros queimados, 19
- 54. Em Macedônia e Grécia, 20:1-2
- 55. Sermão em Tróade, 20:6-12
- 56. Despede-se dos anciãos de Éfeso, 20:17:35
- 57. Tiro, 21:1-4
- 58. Cesaréia, 21:8

J – Em Jerusalém - ano 49-50/52 d.c.

- 59. A Igreja o recebe, 21:17
- 60. Os judeus o prendem, 21:27
- 61. Primeira defesa, 22:1-21
- 62. Os Romanos o prendem, 22:24-29
- 63. Defesa perante o sinédrio, 23:1-10
- 64. A visão na noite, 23:11
- 65. O complotos dos Judeus, 23:12
- 66. Levado a Cesaréia, 23:23-33

K – Em Cesaréia - ano 58-60 d.c.

- 67. Defende-se perante Félix, 24:10-21
- 68. Encarcerado durante dois anos, 24:27
- 69. Apela para César, 25:10
- 70. Defende-se perante o rei Agripa, 26:1-29

EKKLESIA

L – A viagem a Roma ano 60 d.c.



- 71. A tempestade, 27:14-21
- 72. A visão, 27:23-24
- 73. O naufrágio, 27:26-44
- 74. Na ilha de Malta, 28:1-10

M – Em Roma

- 75. Chega a Roma, 28:16
- 76. Prega em Roma, 28,30-31
- 77. Escreve seis cartas ali
- 78. Suas últimas palavras, II Tm 4:6-8
- 79. Morte durante perseguição de Nero - ano 67 d.c.

PROVAVEIS DATAS DOS ESCRITOS PAULINOS

Destacamos que as datas abaixo, não são precisas uma vez que não existe unanimidade sobre este assunto, estas por sua vez foram colocadas com a finalidade de nos localizar dentro da vida do Apóstolo.

GÁLATAS	49 – 55 (Durante a 2ª. Viagem)
I TESSALONICENSES	50 (Durante a 2ª. Viagem)
II TESSALONICENSES	51 (Durante a 2ª. Viagem)
I CORINTIOS	55 – 56 (Durante a 3ª. Viagem)
II CORINTIOS	57 – 58 (Durante a 3ª. Viagem)
* ROMANOS	57 – 58 (Durante a 3ª. Viagem)

EKKLESIA

FILIPENSES	60 – 61 (Em Roma 1ª. Prisão)
FILEMOM	60 – 61 (Em Roma 1ª. Prisão)
COLOSSENSES	60 – 61 (Em Roma 1ª. Prisão)
EFÉSIOS	60 – 61 (Em Roma 1ª. Prisão)
I TIMÓTEO	62 – 64 (Depois de solto em Roma)
TITO	63 – 65 (Depois de solto em Roma)
II TIMÓTEO	66 – 67 (Em Roma 2ª. Prisão)
HEBREUS (PROVAVELMENTE PAULO)	

* O Apóstolo Paulo escreveu a Epístola aos Romanos quando de sua terceira viagem missionária, no momento em que se encontrava na cidade de Corinto.

O MOTIVO DE SUA CARTA AOS ROMANOS

Os comentaristas mais antigos geralmente trabalham com o pressuposto de que, ao escrever a Epístola aos Romanos, Paulo está provendo aquilo que Philip Melancthon chamou de “um compêndio da doutrina cristã”, de certa forma desvinculado de qualquer contexto sócio histórico. Já os estudiosos modernos tendem a exagerar, concentrando-se inteiramente na situação transitória por que passavam o autor e seus leitores. Nem todos, porém, cometem este equívoco. O professor Bruce chama Romanos de “uma declaração firme e coerente do evangelho”.

O professor Cranfield descreve-o como “um todo teológico do qual absolutamente nada de substancial pode ser tirado sem que haja alguma dose de desfiguramento ou distorção. E Günther Bornkamm chegou a referir-se a Romanos como o “o último desejo e o testamento final do apóstolo Paulo”.

Alberto Casalegno, autor do livro “Paulo, o evangelho do amor fiel de Deus” diz que a epístola aos Romanos trata-se de: “A síntese da teologia de Paulo, feita num momento-chave de sua vida, quando terminava sua missão no Oriente e iniciava a do Ocidente, tem como finalidade “confirmar” na fé a comunidade de Romanos(1,11), oferecendo um esclarecimento sobre algumas questões não claras, embora de Rm 1,18 até 11,36 o Apóstolo nunca mencione a comunidade, a não ser em 7,1, com a expressão: “não sabeis irmãos”.

Com essa apresentação quase completa de sua doutrina, o desejo do Apóstolo talvez seja o de ser aceito pela comunidade, mostrando a inconsistência de possíveis suspeitas contra ele difundidas pelos judeus-cristãos.

O resultado da epístola, que é a mais aprofundada teologicamente e a mais bem estruturada de todas as cartas paulinas, supera todas as expectativas da comunidade de Roma e suas reais necessidades.”

Não obstante, todos os documentos do Novo Testamento (os Evangelhos, os Atos e o Apocalipse, assim como as Epístolas) foram escritos a partir de uma situação específica. E essa situação tinha particularmente a ver com as circunstâncias em que se encontrava o próprio autor e especialmente as de seus supostos leitores, e

EKKLESIA

era em geral uma combinação de ambas as situações. São estas que nos ajuda a compreender o que levou cada autor a escrever e por que ele escreveu aquilo que escreveu.

Romanos não é nenhuma exceção a esta regra, se bem que em nenhum lugar Paulo especifique em detalhes os seus motivos.

Assim existem tentativas de reconstrução.

Dr. Alexander Wedderburn, em uma valiosa monografia “As Razões para Escrever Romanos” (*The Reasons for Romans*), insiste que é preciso ter em mente três pares de fatores: tanto a estrutura epistolar de Romanos (seu começo e seu fim) como a substância do seu conteúdo teológico; tanto a situação de Paulo como a da igreja de Roma; e os dois segmentos da igreja de Roma – gentios e judeus – com seus problemas específicos.

Mas, então, quais eram as circunstâncias do próprio Paulo? Ele escreve provavelmente de Corinto, durante aqueles três meses que passou “na Grécia” logo antes de navegar para o Oriente. Menciona três lugares que planeja visitar O primeiro é Jerusalém, e pretende levar consigo o dinheiro com que as igrejas gregas contribuíram para ajudar os cristãos empobrecidos da Judéia (15.25ss.) O segundo é a própria Roma. Já que as suas tentativas anteriores de visitar os cristãos de Roma foram frustradas, ele está confiante de que desta vez vai dar certo (1.11ss; 15.23ss). Em terceiro lugar, ele pretende visitar a Espanha, afim de dar continuidade ao seu trabalho missionário “onde Cristo ainda não fosse conhecido” (15.20, 24, 28). Seus propósitos mais óbvios ao escrever tinham relação com esses três destinos.

Na verdade Paulo pensou em Roma por ser esta situada entre Jerusalém e Espanha; era, portanto, um lugar onde ele poderia descansar um pouco, depois de ter ido a Jerusalém, bem como um lugar de preparação a *caminho* para a Espanha. Em outras palavras, suas visitas a Jerusalém e à Espanha tinham um significado especial para ele porque expressavam seus dois compromissos constantes: com o bem-estar de Israel (Jerusalém) e com a missão entre os gentios (Espanha).

É evidente que Paulo estava apreensivo quanto à sua visita iminente a Jerusalém. Ele havia gasto muito tempo, energia e neurônios promovendo aquela coleta, arriscando com isso o seu próprio prestígio. Para ele, ela era mais do que uma expressão de generosidade cristã: era um símbolo da solidariedade judaico-cristã no corpo de Cristo, bem como de uma reciprocidade muito legítima (os gentios estavam repartindo com os judeus as suas bênçãos materiais, depois de terem compartilhado das bênçãos espirituais destes, (15.27). Convoca, portanto os cristãos de Roma para que se unam a ele, lutando com ele em oração (15.30), não somente em prol de sua segurança pessoal – para que ele seja “livre dos descrentes da Judéia” – mas especialmente pelo sucesso de sua missão, para que seu serviço em Jerusalém possa ser “aceitável aos santos” (15.31). Humanamente falando, tal aceitação era duvidosa. Muitos cristãos judeus olhavam para ele com profunda suspeita. Alguns o acusavam de ser infiel a sua herança judaica, uma vez que ao evangelizar os gentios ele advogava o direito que estes tinham de ser libertados da circuncisão exigida, bem como de observar a lei. Para esses judeus cristãos, aceitar a oferta que Paulo estava levando a Jerusalém seria

EKKLESIA

o mesmo que endossar essa sua política liberal. O apóstolo sentia necessidade de apoio por parte da comunidade cristã de Roma, que abrigava em seus seio uma mescla de judeus e gentios, assim, escreve-lhes pedindo suas orações.

Se o destino imediato de Paulo era Jerusalém, seu destino definitivo era a Espanha. Fato é que agora sua evangelização das quatro províncias da Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia estava completa uma vez que “desde Jerusalém e arredores, até o Ilítico” (aproximadamente a moderna Albânia) ele havia pregado o evangelho “plenamente” (15.19b). E agora, o que faltava? Sua ambição, que na verdade ele havia estabelecido como política, era evangelizar apenas “onde Cristo ainda não fosse conhecido”, de forma que “não estivesse edificando sobre alicerces de outro” (15.20). Agora, pois, ele conjugava estas duas coisas (o fato e a diplomacia) e concluía que não havia mais “nenhum lugar em que precise trabalhar” (15.23). Por isso o seu alvo agora era a Espanha, que era considerada uma parte da fronteira ocidental do Império Romano, e onde, até onde ele sabia, o evangelho ainda não havia penetrado.

Mas ele podia muito bem ter decidido ir à Espanha sem parar para visitar os crentes de Roma ou mesmo sem lhes comunicar seu plano. Então, por que escrever para eles? Certamente porque sentiu a necessidade de desfrutar de sua companhia. Roma ficava a cerca de dois terços do percurso de Jerusalém à Espanha. Portanto ele lhes pede que o “assistam” em sua jornada (15.24), presumivelmente com seu encorajamento, apoio financeiro e orações. De fato, ele queria “usar Roma como uma base de operações no Mediterrâneo Ocidental, tal como havia usado Antioquia (originalmente) como base no Oriente.

Assim, entre sua visita a Jerusalém e à Espanha, Paulo pretendia visitar Roma. Ali já havia uma igreja, talvez estabelecida pelos judeus cristãos que haviam regressado de Jerusalém após o Pentecoste. Não se sabe, porém quem foi o missionário pioneiro que plantou essa igreja. Se a planejada visita de Paulo parece incoerente com a sua política de não edificar sobre fundamento de outro, só se pode concluir que Roma não era considerada território de alguém em particular; portanto, era de se esperar que ele como missionário designado ao ministério entre os gentios (1.5s; 11.13; 15.15s.) ministrasse na metrópole do mundo gentílico (1.11ss.). Mesmo assim ele tem o cuidado de acrescentar que irá visitá-los “apenas de passagem” (15.24, 28).

Apesar disso tudo, ainda é preciso indagar qual seria a necessidade de Paulo escrever-lhes. Naturalmente, um dos motivos era prepará-los para sua visita. Mais do que isso, porém, já que nunca estivera em Roma antes e, portanto, não conhecia a maioria dos membros dessa igreja, ele via a necessidade de estabelecer as suas credenciais de apóstolo, apresentado-lhes um relato completo sobre o evangelho que ele pregava. E a maneira como ele o faz é determinada principalmente pela “lógica secreta do evangelho”; mas ao mesmo tempo ele estava tratando dos interesses dos seus leitores e reagindo às críticas, como se verá nos capítulos seguintes. Entrementes, no que concerne a sua situação, ele lhes pede três coisas: que orem para que o seu serviço em Jerusalém seja aceitável, que o auxiliem no caminho para a Espanha e que o recebam durante a sua estadia em Roma na qualidade de apóstolo dos gentios.

EKKLESIA

Mas os propósitos de Paulo ao escrever aos romanos não têm a ver apenas com sua própria situação, nem com seus planos de viajar para Jerusalém, Roma e Espanha. Sua carta nasce também da situação em que se encontravam os cristãos de Roma. E que situação era esta?

Mesmo uma leitura totalmente despreziosa da Epistola aos Romanos deixa transparecer o fato de que a igreja em Roma era uma comunidade mista, constituída tanto de judeus, como de gentios, mas com número maior de gentios (1.5s., 13; 11.13). É evidente também que havia um considerável conflito entre estes dois grupos. Além disso, há que reconhecer que tal conflito não era primordialmente étnico (diferentes raças e culturas), mas teológico (diferentes convicções quanto à função da aliança e da lei de Deus e conseqüentemente, acerca da salvação).

Certos estudiosos sugerem que as diversas igrejas caseiras que havia na cidade (ver 16.5), como também os versos 14 e 15, que se referem aos cristãos “que estão com eles”) poderiam representar essas diferentes posições doutrinárias. Pode ser também que as “perturbações” provocadas pelos judeus em Roma “sob instigação de Cresto” (provavelmente significando Cristo), que são mencionadas por Suetônio e que levaram os judeus a serem expulsos de Roma no ano 49 d.C. pelo imperador Cláudio, foram devidas a esse mesmo conflito entre *cristãos judeus e gentios*.

Mas então qual é a questão teológica que jaz por trás das tensões étnicas e culturais entre judeus e gentios em Roma? O Dr. Wedderburn refere-se aos cristãos judeus de Roma como representantes do “cristianismo judaizante”, uma vez que para eles o cristianismo era “simplesmente uma parte do Judaísmo”, de onde a exigência de que os seus seguidores “observassem a lei judaica”; já os cristãos gentios ele chama de “defensores de um evangelho livre da lei”. Além do mais, ele e muitos outros estudiosos vêem também no primeiro grupo “os fracos” e neste último “os fortes” a quem Paulo se dirige nos capítulos 14 e 15 (o que é óbvio, poderia ser uma interpretação bastante simplista dos fatos. Os “fracos na fé”, que observavam escrupulosamente as normas cerimoniais – por exemplo, as comidas prescritas pela lei -, condenavam Paulo por não fazê-lo. Talvez eles se considerassem também os únicos beneficiários das promessas de Deus; opunham-se definitivamente à evangelização dos gentios, a não ser que estes de dispusessem a ser circuncidados e a observar a lei em sua totalidade. Para eles Paulo era um traidor da aliança, como também um inimigo da lei (ou seja, um “antinomiano”). Os “fortes na fé”, por outro lado, que como o próprio Paulo eram defensores do “evangelho sem a lei”, cometiam o equívoco de desprezar os fracos por ainda aceitarem uma desnecessária sujeição à lei. Assim, os cristãos judeus tinham orgulho de sua condição privilegiada, enquanto os cristãos gentílicos orgulhavam-se de sua liberdade; por isso Paulo achava que os dois partidos tinham de se humilhar.

No decorrer de toda a Epístola aos Romanos percebem-se rumores e ecos dessa controvérsia, tanto em suas implicações teológicas como práticas. E Paulo é visto, do início ao fim, como um autêntico pacificador, sempre jogando água na fervura, ansiosos por preservar a verdade e a paz sem sacrificar um em detrimento da outra. É óbvio que, nesse terreno, ele próprio tinha um pé de cada lote. De um

EKKLESIA

lado era um judeu patriota (“Pois eu até desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos... o povo de Israel”, 9.3). Por outro lado, fora comissionado especialmente para ser o apóstolo dos gentios (“Estou falando a vocês, gentios. Visto que sou apóstolo para os gentios...” 11.13; cf. 1.5; 15.15s.) Sua situação, portanto, era única – ninguém melhor do que ele para ser agente de reconciliação. Estava determinado a anunciar o evangelho apostólico através de uma declaração plena e renovada, que sem comprometer nenhuma das suas verdades reveladas, ao mesmo tempo resolvesse o conflito entre judeus e gentios acerca da aliança e da lei, promovendo assim a unidade da igreja.

Nesse ministério da reconciliação, portanto, Paulo desenvolve dois temas de suprema importância, entrecendo-os da maneira belíssima. O primeiro é a justificação do pecador culpado, somente pela graça de Deus, somente em Cristo, somente através da fé, independentemente de status ou de obras. Dentre as verdades e as experiências cristãs, esta é a mais humilhante e a mais niveladora, sendo portanto, a base fundamental da unidade cristã. De fato, como escreveu Marthin Hengel, “embora as pessoas hoje em dia prefiram dizer o contrário, ninguém captou melhor do que Agostinho e Martinho Lutero a verdadeira essência da teologia de Paulo, da salvação dada *sola gratia*, somente pela graça”.

O Segundo tema explorado por Paulo é a conseqüente redefinição do que é “povo de Deus”- não mais de acordo com descendência, circuncisão ou cultura, mas segundo a fé em Jesus, de forma que todos os crentes são verdadeiros filhos de Abraão, independentemente de sua origem étnica ou prática religiosa. Portanto, agora “não há distinção” entre judeus e gentios, seja no que concerne ao seu pecado ou culpa, seja quanto à oferta e dádiva da salvação através de Cristo. Com efeito, “o mais importante de todos os temas de Romanos é o da igualdade entre judeus e gentios”.

E aliado a isso vemos a permanente validade, tanto da aliança de Deus (que agora abrange os gentios e demonstra sua fidelidade) como da lei divina (de maneira que, embora “libertados” de tê-la como caminho de salvação da santa vontade de Deus).

CONSIDERAÇÕES PESSOAIS

Depois de vermos a biografia do Apóstolo Paulo, suas viagens, prováveis datas de seus escritos, os motivos que o levaram a escrever a Epístola aos Romanos e qual o contexto existente à época, sem desmerecer nenhum destes importantes fatos quero dizer-lhes que nos resta o mais importante – O DESFRUTE.

Como disse acima, é com alegria que podemos hoje adquirir conhecimento a cerca de todos estes fatos. Ocorre que todos estes somados, são incapazes de por si, acrescentarem vida em nossas vidas. Logo sobra agora a mais importante de todas as partes, sobra-nos agora a misericórdia de Deus para que por meio do Espírito Santo, nos dê capacidade de aplicarmos o “Espírito da Palavra” contido neste livro em cada um de nós.

Sendo assim, ao fazermos este estudo, não iremos nos prender de forma direta há organização da Carta aos Romanos, seus principais temas e assim por diante. Nem por isso significa dizer que não abordaremos tais pontos, apenas não será

EKKLESIA

nossa prioridade. Nosso desejo diante de Deus é extrairmos de cada palavra a nós revelada, uma mensagem de edificação e que possa ser aplicada em nosso viver diário.

INTRODUÇÃO

Para melhor elucidar a intenção deste estudo, quero dizer-lhes que muitas vezes comparo a Bíblia, como sendo um maravilhoso romance no qual Cristo é o marido e a Igreja a esposa. Sei que esta palavra significa pouco perto do real sentido da Bíblia, e longe de mim diminuir em qualquer que seja o grau, a grandeza e beleza existente na Bíblia. Ocorre que muitas vezes faltam palavras a altura do que queremos expressar. Quando digo que a Bíblia pode ser comparado a um romance, tenho como desejo mostrar aos irmãos o propósito pelo qual nos dedicaremos ao estudo do livro de Romanos. Não podemos de forma alguma investir tempo e atenção neste estudo tendo como alvo o aprender regras e doutrinas. Se dedicarmos com atenção a palavra de Deus, veremos que o intuito do Senhor é bem maior que transmitir regras, não que elas não devam existir, visto serem importantes em nossas vidas. Só que quando nossas atenções estão voltadas para elas, raramente conseguimos extrair a vida que tanto necessitamos. Observe que em Gn 2 Deus nos apresenta Adão e Eva, tipologia de Cristo e a Igreja. Ali vemos pela primeira vez a união, aliança ou casamento, trata-se não de uma paquera, um interesse provisório, uma paixão passageira, mas sim um relacionamento duradouro - trata-se de um casamento. Deus quer realizar uma aliança eterna com sua criatura, logo ele quer casar-se. Casamento é, entre outras coisas, expresso pelo relacionamento entre dois. Significa dizer que Deus quer relacionar-se conosco, esta relação entre Deus e o homem tem um propósito: Deus deseja ter uma divindade vivendo dentro da humanidade. Não são poucas as vezes em que nos deparamos nas Escrituras Sagradas, com Deus se apresentado como marido confira algumas delas em: Is 54:5; 62:5; Os 2:7 e 19. Da mesma forma vemos muitas vezes a Igreja sendo comparada com a esposa ou noiva. Quando nos propomos a nos relacionar, significa que estamos dispostos a revelar quem somos. Que possamos por meio deste estudo, permitir que a Luz de Cristo Jesus nosso Senhor nos constranja a ponto de transformar nossa realidade pecaminosa em expressão real e autêntica de um Deus Vivo e Verdadeiro.

Em Cristo,

EKKLESIA